



## As fronteiras da sexualidade na psicanálise

Sergio Lewkowicz

Gostaria de iniciar agradecendo à coordenação científica da Fepal pela oportunidade de participar desse painel com amigos tão queridos e de muitos anos.

Início com uma citação de Roland Barthes: *“Nós precisamos da arte para impedir que o real seja destruído duas vezes: uma pela violência da história e outra por um discurso que generalize, explique e essencialize”*.

Temos de levar em conta que as bases teóricas da psicanálise foram concebidas na cultura da modernidade e que talvez elas sejam insuficientes para lidar com as configurações e sofrimentos da pós-modernidade, cultura em que estamos imersos. Sabemos que a teoria psicanalítica é forjada na cultura da época como revelam os Três Ensaios sobre Sexualidade de Freud (1905). Apesar de Freud descrever o desenvolvimento da psicosexualidade para atingir a genitalidade com a resolução do conflito edípico através da heterossexualidade e a reprodução, ele também apresentou uma concepção da sexualidade infantil como bissexual e polimorfa que foi disruptiva e revolucionária para a cultura da época. As concepções teóricas sobre o Édipo se desenvolveram bastante após Freud, como por exemplo, o narcisismo de Édipo ou o papel dos pais de Édipo quando o rejeitam e o desamparo que provocam. Creio que um dos grandes desafios para a teoria psicanalítica no Século XXI é encontrar novas concepções que possam nos ajudar a compreender as apresentações de gênero e de orientação sexual contemporâneas.

A crítica principal que os antropólogos, sociólogos e outros pensadores fazem à psicanálise foi o fato das teorias psicanalíticas terem se mantido normativas, particularmente heteronormativas em relação à sexualidade. A partir dos anos 60, com o movimento feminista e a liberação sexual na cultura ocidental foi havendo uma abertura em relação à sexualidade, autores como Deleuze e Foucault passaram a questionar a ideia de uma identidade estável e universalizante. Crítica esta que foi se ampliando a partir da década de 80 com os estudos *queer*, mas que só mais recentemente está sendo incorporada às nossas teorias.

Minha impressão é a de que a psicanálise não acompanhou esta mudança na maneira de entender a sexualidade. Ao seguir com sua tendência



normativa acabou por fechar as fronteiras para a diversidade sexual tanto na teoria, como na prática analítica com seus pacientes. Da mesma forma na formação analítica fechando às portas das instituições psicanalíticas para pessoas com diversidade sexual e de gênero.

Os analistas só começaram a se abrir para essa nova visão do singular em oposição ao normativo em relação à sexualidade mais recentemente. Um exemplo disso é a maneira como a homossexualidade foi e ainda é encarada por alguns analistas como perversão ou mais frequentemente como imaturidade no desenvolvimento da psicosexualidade.

Em relação ao social, pelo menos 86 países em todo o mundo criminalizam homossexuais e grupos congêneres seja com prisão ou até mesmo pena de morte.

Por outro lado também temos que levar em conta países onde as identidades de gênero e orientação sexual não são criminalizadas como o Brasil, mas que tem o maior número de assassinatos de transexuais do mundo.

Esses dados mostram como a homofobia e a transfobia estão ainda disseminadas pelo mundo inteiro.

A questão que cabe é porque ocorre uma resistência tão violenta contra as manifestações das diversidades de gênero e de orientação sexual.

Tentar compreender essas resistências nas instituições psicanalíticas e também as dentro de nós mesmos tem sido um verdadeiro desafio.

A sexualidade nos desestabiliza e nossas teorias podem ser consideradas insuficientes para os fenômenos da sexualidade que impactam hoje em dia. O risco é tentar aplicar as nossas ideias já conhecidas para dar conta destas apresentações diversas, diferentes daquilo que conseguimos articular teoricamente até então e funcionar como o divã de Procusto, considerando que tudo o que não couber dentro desse espaço teórico é patológico.

Um estudo encomendado pelo L'Obs (2019) na França mostra que da população entre 18 e 44 anos 14% se consideram como não binários e acima dos 45 anos o índice passa a ser de 8%. Entre os tipos de identidade de gênero que são homologados pela Academia Francesa encontramos: transgênero, bigênero, intergênero, gênero fluido, agênero, gênero neutro, pangênero, andrógino, e assim por diante.

Voltando à citação de Barthes penso que as teorias psicanalíticas ainda apresentam uma tendência de fazer generalizações e normatizar a sexualidade. Nossas teorias desde Freud mostram uma dualidade, por um lado se apoiam no binarismo e na heteronormatividade, por outro apresentam uma compreensão mais complexa da psicosexualidade, mas mesmo assim tendem a normatizar.



Eu tive a oportunidade de acompanhar três mulheres homossexuais no meu consultório e concluí que mesmo com uma escolha objetal por parceiras do mesmo sexo essas três mulheres são muito diferentes, com famílias com configurações muito distintas, apresentações diversas e com sofrimentos diferentes na busca de seus tratamentos. Cada uma delas é singular e precisa ser escutada na sua singularidade.

Essas apresentações diversas justamente não se prestam para generalizações e estão sempre escapando do engessamento das definições. Como salientado por Julia Kristeva no recente congresso da IPA em Londres, em 2019, não podemos generalizar sobre o feminino, temos que considerar cada feminino em sua singularidade.

Como podemos pensar a resistência dos psicanalistas com a diversidade sexual?

Penso que Bion (1970) pode nos ajudar a compreender uma parte dessa resistência quando descreve as reações de rechaço do establishment com as ideias novas e com as pessoas portadoras dessas ideias. O novo, o desconhecido mobiliza intensas reações tanto das instituições como de nossas mentes, incluindo também as instituições e teorias psicanalíticas.

Penso que a primeira coisa a ser enfrentada em nós analistas é a nossa atitude no contato emocional com as novas apresentações da orientação sexual e de gênero, ou seja, a nossa contratransferência.

Temos que tentar repensar as nossas teorias a partir da escuta de pessoas que vivem e expressam sua sexualidade e identidade de gênero fora dos padrões da binaridade e da heterossexualidade. Indivíduos esses que só agora estamos conseguindo reconhecer a existência e estão podendo procurar nossos consultórios.

Muitas das configurações sexuais atuais não são novas e estiveram sempre presentes na história da humanidade. Entretanto, penso que se tornam novas em sua visibilidade e em suas reivindicações de respeito, compreensão e acolhimento.

Penso que uma das grandes questões atuais é o quanto somos capazes de “tolerar” de “sustentar” um campo analítico com pacientes tão fluídos, mutáveis, cambiantes e indefinidos.

Desenvolver um processo analítico com esses pacientes nos mobiliza reações que são desconhecidas para nós. Especialmente para a maioria de nós que se sente confortável na cisheteronormatividade. Como lidar com o “abjeto” (Kristeva) o “estranho” (Freud) que carregamos em nós mesmos e que se perturba no contato com esses sujeitos?



Penso que podemos fazer um esforço consciente para evitar nosso preconceito com esses pacientes, mas sutilmente, inconscientemente nossa contratransferência pode nos deixar com um viés, um *bias* em relação a essas novas configurações de gênero e orientação sexual. Ainda tendemos a atribuir o sofrimento do paciente ao seu “desvio sexual”, uma tendência à patologizar tudo o que se desvia da cisheteronormatividade, muitas vezes retraumatizando o paciente. O importante a destacar é que nunca estamos neutros nessa avaliação.

Nesse caminho já contamos com produções importantes como Deleuze, Foucault, Butler e Preciado entre outros. Na área da psicanálise gostaria de destacar as ideias de Jean Laplanche, Julia Kristeva, Michel Tort e o trabalho que vem sendo realizado na América Latina por Letícia Glocer de Fiorini com suas contribuições sobre o feminino, a diferença sexual e o complexo de Édipo e, Patrícia Porchat com seus estudos sobre transexuais no Brasil.

Penso que a melhor bússola para nos orientar sempre é o sofrimento psíquico das pessoas, independentemente de sua identidade de gênero e de orientação sexual. Para isso temos que deixar de nos guiar pelas nossas resistências e tendência a normatizar, ao contrário temos que nos deixar afetar pelas múltiplas apresentações, como cores do arco-íris, para podermos efetivamente tratar aquele ser humano específico e único que procurou nossa ajuda. Só conseguiremos isso se pudermos passar do normativo ao singular em nossa área, como já conseguido em outras disciplinas.